

PLANO DE CURSO			
NOME DA DISCIPLINA	FILOSOFIA POLÍTICA II		
DOCENTE	FELIPE CASTELO BRANCO		
PERÍODO	2024.1 MATUTINO	HORÁRIO	2º. FEIRA - 14-18H

OBJETIVOS

O curso pretende, em um primeiro momento, desenvolver uma investigação a respeito das principais teorias que trataram do problema do capitalismo tardio e sua relação com o liberalismo, entre as décadas de 1940 e 1970.

Em 1941, o influente economista e membro da primeira geração da Escola de Frankfurt, Friedrich Pollock, publica o artigo *Capitalismo de Estado: suas possibilidades e limitações*, ingressando em um debate que ganhava volume entre os economistas e teóricos políticos de língua alemã naquele período, levantando a hipótese de que o liberalismo clássico “manchesteriano”, ligado ao *laissez-faire*, teria sido derrotado definitivamente, dando lugar aos modelos de economia planejada ligados ao socialismo e ao plano autárquico nazista. Para Pollock, seria um equívoco batizar tal controle técnico da economia de ‘socialismo’, sendo mais adequado batizá-lo de *capitalismo de Estado*, reconhecendo que nesse tipo de capitalismo, ao contrário das análises empreendidas por Marx, haveria, no processo de alienação, um privilégio do *político* sobre o econômico.

A despeito da grande variedade de formas que a tese da substituição da exploração econômica pela dominação técnico-política vai assumir entre os frankfurtianos – manifestando-se em um texto de juventude de Habermas como *Técnica e ciência como ideologia* e em sua tese mais tardia de um esgotamento das energias utópicas –, em seu artigo *Capitalismo tardio ou sociedade industrial?*, de 1968, Theodor Adorno apresentou a forma mais acabada de uma espécie de “análise do capitalismo” do pós-guerra – no seio do modelo de economia planejada keynesiana – sustentado no diagnóstico pollockiano. No entanto, é preciso reconhecer que aquilo que Adorno entendia ser um encaminhamento histórico do capitalismo – a planificação econômica keynesiana – não representava nada mais do que um brevíssimo momento das

concessões feitas pelo capital à necessidade de legitimação social do sistema capitalista após a Segunda Guerra Mundial, que apenas três anos após a publicação do artigo de Adorno já davam mostras de colapsar, dando lugar ao neoliberalismo.

No ano de 1944, o principal filósofo político do neoliberalismo, o austríaco Friedrich Hayek, publica um conjunto de textos onde ele reconhece um risco iminente no fracasso do liberalismo clássico, após a crise de 1929, na medida em que a queda do projeto liberal abriria espaço para a disseminação dos modelos de economia planificada. Por um lado, ao contrário de Pollock, Hayek recusa a noção de capitalismo de Estado, por considerar que toda forma de planejamento econômico central seria, em maior ou menor grau, uma forma de socialismo em desenvolvimento, que paulatinamente vai ameaçando os mercados. É nesse sentido que teóricos neoliberais como Hayek optam por reunir sob o termo de *coletivismo* todo um conjunto extremamente variado de economias planejadas existentes - desde o modelo chinês e soviético, passando pelo modelo autárquico alemão até o Estado de bem-estar social de tipo keynesiano. Por outro lado, de maneira muito próxima a Pollock, Hayek enxerga na planificação uma ameaça de dominação política, uma espécie de *caminho da servidão*, que deve ser veementemente combatido com uma estratégia de renovação do liberalismo clássico e de reforma do Estado – que ficou conhecido como *neoliberalismo*.

No mesmo ano de 1944 é publicado o clássico livro *A grande transformação: as origens de nossa época*, pelo teórico social e economista austro-húngaro Karl Polanyi. Nesta obra, considerada uma das mais importantes da história da teoria econômica, Polanyi busca diagnosticar a origem do liberalismo econômico de tipo *laissez-fairista*, seu mecanismo e seus efeitos na vida social, até a crise de 1929. Como afirmava Marx, a produção de mercadorias através do trabalho corresponde a um metabolismo entre o homem e a natureza. No entanto, se esse metabolismo passa a se organizar através de um mecanismo autorregulatório, o homem e a natureza têm que ser manuseados como mercadorias e devem forçosamente se submeter às oscilações de oferta e demanda, o que obriga à sociedade a viver em função da economia (e não o contrário). Nesse sentido, o liberalismo econômico passa a submeter todos os outros subsistemas (ordem social, natureza, relações humanas etc.) às necessidades de sua própria reprodução.

Mas a pesquisa polanyiana mostra que esse gesto de “liberalização” jamais veio desacompanhado de uma contra-ofensiva organizada pelos Estados, de modo a construir dispositivos *políticos* que pudessem amenizar os efeitos *econômicos* da devastação social, provocada pelo avanço dos mercados sobre a vida coletiva. Ou seja: o efeito mais próprio do liberalismo não foi operar de maneira independente em relação ao Estado, mas passou a atribuir ao Estado a responsabilidade de gerar proteção coletiva para garantir que as operações econômicas do *laissez-faire* não desequilibrassem a ordem social.

No entanto, com a reestruturação econômica dos Estados após a Segunda Guerra Mundial, Polanyi acreditou que uma nova era se anunciava; uma era que colocaria fim ao liberalismo econômico e inauguraria uma fase de retorno do Estado e das políticas sociais visando promover igualdade. Tais políticas estatais tenderiam a domesticar o livre-mercado em favor de maior estabilidade social a partir do pós-guerra. Não foi o que se confirmou historicamente. Por que pensadores capazes de diagnósticos tão sofisticados, como Polanyi e Adorno, se equivocaram a respeito da forma do capitalismo tardio no pós-guerra?

Uma tentativa de resposta a essa questão vai atravessar toda a segunda parte do curso, de modo que será preciso compreender como esses diagnósticos políticos, que guardam fortes pontos de semelhança entre si e permaneceram atentos aos efeitos dos desequilíbrios sociais do capitalismo, não foram capazes de se dar conta de que, após um período de domesticação do mercado pelos Estados (período keynesiano), o capital voltou a se tornar um agente político fundamental na domesticação da soberania de Estado (neoliberalismo).

Pensadores como Christian Laval e Pierre Dardot, em sua pesquisa sobre as origens do *neoliberalismo*, entendem que o erro de Polanyi – que poderíamos estender a Adorno – foi acreditar que a aceleração da oposição ideológica entre mercado concorrencial e Estado, advogada pelo próprio liberalismo econômico, representaria o fim do liberalismo. Por permanecerem presos à oposição binária *mercado x Estado*, esses autores não consideraram uma terceira via – àquela do neoliberalismo – que corresponderia a um alastramento, *para o próprio Estado e suas técnicas de governo*, da forma típica do mercado concorrencial; o que tem resultado, ainda nos dias de hoje, na mais agressiva e contínua reforma histórica da forma-Estado, com a finalidade de aclimatar as condições econômicas do capitalismo de mercado. Nesse sentido, segundo a tese de Laval e Dardot, ao apreender com o fracasso histórico do

liberalismo econômico clássico, o neoliberalismo se armou contra o efeito protetivo que o *laissez-faire* havia gerado como uma espécie de contraofensiva a expansão dos mercados concorrenciais, desenvolvendo uma política de guerra civil contra o chamado *coletivismo*. Trata-se, portanto, na segunda parte do curso, de estudar a teoria de Pollock, Adorno e Polanyi, seus efeitos e seus limites, à luz da pesquisa crítica de Laval e Dardot.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

A CRÍTICA DE KARL POLANYI

- As origens do *laissez-faire* e o colapso do liberalismo a partir de 1929
- Apresentação da obra de Karl Polanyi
- As pesquisas antropológicas sobre a função social da economia
- As mercadorias fictícias: trabalho, terra e moeda
- Spenshamland e as Poor Laws
- Polanyi, a crise do liberalismo clássico e o retorno do Estado

HAYEK E O NEOLIBERALISMO CONTRA A PLANIFICAÇÃO COLETIVISTA

- Friedrich Hayek e o neoliberalismo como resposta ao colapso do liberalismo clássico: a Escola Austríaca
- Os coletivismos como ameaça ao mercado
- O debate sobre o cálculo socialista

A ESCOLA DE FRANKFURT E O CAPITALISMO TARDIO

- O capitalismo na primeira geração da Escola de Frankfurt: Pollock, a crise do liberalismo e a economia planejada
- A categoria de capitalismo de Estado
- Planificação econômica e dominação do político sobre o econômico
- A influência de Pollock sobre Adorno
- Theodor Adorno e o capitalismo tardio: a perda de importância da economia política

- Estado e dominação técnica

A ESTRATÉGIA POLÍTICA DO NEOLIBERALISMO SEGUNDO LAVAL E DARDOT

- Christian Laval e Pierre Dardot como teóricos do neoliberalismo
- O erro de Polanyi segundo Laval e Dardot
- O colóquio Walter Lippmann e o nascimento do projeto neoliberal
- Do Colóquio Walter Lippmann à *Société du Mont Pélèrin*
- A razão de governo neoliberal: Foucault e a governamentalidade
- O neoliberalismo como razão estratégica do liberalismo clássico: a guerra civil e a batalha pela reforma do Estado

Avaliação:

Trabalho a ser entregue na parte final do curso.

Bibliografia:

ADORNO, Theodor W. “Capitalismo tardio ou sociedade industrial?”. In: Cohn, G. (org.). **Theodor W. Adorno – sociologia**. São Paulo: Ática, 1986.

BLOCK, Fred; SOMERS, Margaret. **The power of market fundamentalism**. Karl Polanyi’s critique. Cambridge: Harvard University Press, 2014.

CASTELO BRANCO, Felipe; YAZBEK, André (orgs). **Pensar o neoliberalismo: epistemologia, política, economia**. Recife: Ruptura Editorial, 2023.

HAYEK, Friedrich. “O cálculo socialista” I, II e II. In: **Ordem econômica e livre iniciativa**. As contradições das teorias socialistas. SP: Avis Rara, 2022.



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre ; GUEGUEN, Haud ; SAUVETRE, Pierre. **A escolha da guerra civil**. Uma outra história do neoliberalismo. São Paulo: Elefante, 2021.

LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. “La double action de l’État selon Karl Polanyi”. In: **La nouvelle raison du monde**. Essai sur la société néolibérale. Paris : La découverte, 2009.

_____. “Le colloque Walter Lippmann ou la réinvention du libéralisme”. In: **La nouvelle raison du monde**. Essai sur la société néolibérale. Paris : La découverte, 2009.

POLANYI, Karl. **A grande transformação**. As origens de nossa época. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

POLLOCK, Friedrich. “Capitalismo de Estado: suas possibilidades e limitações”. In: Caux, L. P.; Fleck, A. (orgs.). **Crise e transformação estrutural do capitalismo: artigos na Revista do Instituto de Pesquisa Social, 1932-1941**. Florianópolis: NEFIPO/UFSC, 2019.

STREECK, Wolfgang. **Tempo comprado**. A crise adiada do capitalismo democrático. Lições Adorno em Frankfurt, 2012. São Paulo: Boitempo, 2018.